

Os poucos encontros consonantais do português do Brasil

Manoel Pinto Ribeiro, da UERJ, do CEUAM e da ABF

1. Introdução

Em *Problemas de lingüística* descritiva (8.^a ed., Vozes, 1976, p. 13), Mattoso Camara nos adverte:

O primeiro problema descritivo para uma língua dada é estabelecer quais são os sons vocais com que se constroem as suas formas. A análise, descendo ordenadamente na segmentação das enunciações, tem de chegar aos sons elementares, isto é, àqueles que não são mais suscetíveis de divisão elementar. A gramática tradicional desfigurou o problema e sua solução, pondo em primeiro plano o símbolo gráfico ou letra. É claro que aqui se impunha, ainda mais que em qualquer outra parte do estudo descritivo, focalizar diretamente a língua oral.

No capítulo I, o lingüista já havia ressaltado: “Isso nos impõe a tarefa de fazer a descrição (mesmo para fins escolares) em função da língua oral, o que, paradoxalmente, nem em relação à “fonética”, nas nossas gramáticas, é feito de maneira coerente”. (p. 11)

Apesar dessa advertência, os compêndios escolares, com raras exceções, continuaram a descrever o sistema fonêmico do português com apoio na ortografia.

Este trabalho, apoiado, principalmente, em notáveis lições de Mattoso Camara Jr., que foram esquecidas ou abandonadas, talvez em virtude de outras tendências ou modismos lingüísticos, pretende discutir um fato gramatical que continua a apresentar uma descrição que contraria a técnica de se iniciar o estudo de uma língua pelo sistema fonológico, sem o apelo à ortografia. Isso acarretou uma “análise lingüística perfunctória, deficiente, incerta e confusa”, critica Mattoso (op. cit., 11).

Assim, iniciaremos pela descrição do sistema de consoantes, estabelecendo os seus quadros de acordo com a posição na sílaba, fato que também não tem sido objeto de interesse de muitos compêndios gramaticais, que apresentam um quadro único, o que contraria a realidade lingüística do português.

A seguir, far-se-á o levantamento dos poucos encontros consonantais de interesse fonológico no português do Brasil.

2. O sistema de consoantes

Para uma compreensão mais exata do nosso sistema de consoantes, é preciso elaborar uma classificação de base fonêmica. Seguimos a descrição de lingüistas respeitados pela crítica acadêmica. Somente a partir do estudo das consoantes, poderemos compreender os diversos quadros do nosso sistema. Partindo da *posição inicial*, temos dezoito consoantes; *intervocalicamente*, passamos a dezenove consoantes; em posição *pós-vocálica*, existem apenas quatro consoantes. Desse modo, haverá encontro consonantal em vocábulos como *ritmo*? O vocábulo é um paroxítono, como nos faz supor a sua forma gráfica? Todas essas respostas dependem de um tratamento fonológico que desenvolveremos nesta exposição. Após o levantamento de nossas consoantes e de seus quadros nos diferentes ambientes fonéticos, será possível verificar o reduzido número de encontros consonantais de interesse fonológico.

2.1 A tradição gramatical

Ab initio, é necessário situar o tratamento dado pelos gramáticos brasileiros. Sabe-se que a Nomenclatura Gramatical Brasileira não adotou uma abordagem fonológica, pois isso lhe pareceu, na época, muito complexo para estudantes de nível médio. Assim, fala-se em fonema sem haver referência a fonologia.

Os compêndios escolares não podiam deixar de seguir a N.G.B., porquanto a portaria ministerial (n.º 36, de 28 de janeiro de 1959) recomendava a adoção desse trabalho e mais:

Art. 2.º - Aconselhar que entre em vigor: a) para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959; b) para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960.

Ninguém pode discutir os benefícios que essa “imposição” de nossa nomenclatura trouxe para o ensino escolar, pois a diversidade de teorias e de nomes prejudicava uma aprendizagem mais fácil e rápida.

Por isso, muitos autores se prenderam ao que ditava a N.G.B. Outros, ao contrário, embora um pouco inibidos, partiram para uma descrição mais consentânea com o sistema lingüístico do português. Celso Cunha, por exemplo, na *Gramática da língua portuguesa*, MEC-FENAME, 1972, p. 55, apresenta uma classificação das consoantes, de base fonêmica, e propõe o seguinte quadro: 1. modo de articulação: constrictivas, fricativas, nasais e líquidas; 2. ponto de articulação: labiais, ântero-linguais, póstero-linguais. Ressalta o lingüista que não se deve apresentar as consoantes fricativas como subdivisão

das constrictivas, “uma vez que os termos são sinônimos, diferindo apenas quanto ao critério de classificação”. A partir de um critério articulatorio, teríamos consoantes constrictivas: a partir de um critério acústico, teríamos consoantes fricativas, uma vez que a fricção é o efeito que a constrição produz em nosso ouvido.

2.2. Traços pertinentes no português

Proceder-se-á, aqui, a uma descrição levando-se em conta, principalmente, o ponto de vista articulatorio.

2.2.1 O modo de articulação

“... *la création d'un obstacle et son franchissement constituaient l'essence de la consonne*”. (Troubetzkoy. *Principes*, p. 159).

O maior grau de obstáculo apresenta-se nas *oclusivas* (grau de abrimento zero). A seguir, as *constrictivas* (fricativas) constituem um grau médio. Por último, as chamadas *sonânticas* (nasais e líquidas), que podem aproximar-se da ausência de obstáculo (essência das vogais).

As oclusivas são momentâneas e se opõem às constrictivas (fricativas, auditivamente) e às nasais e líquidas. Por outro lado, as oclusivas e constrictivas, em oposição às sonânticas, podem ser denominadas de *ruidosas* (*bruyantes*).

Troubetzkoy aponta cinco oposições bilaterais entre os três graus de obstáculos:

- a. sonante-bruyante;
- b. momentanée-durative;
- c. occlusive-fricative;
- d. fricative-sonante;
- e. occlusive-sonante. (*Principes*, p. 159).

Essa divisão, de acordo com os variados pensamentos lingüísticos, apresenta um aspecto amplamente discutido: as consoantes nasais constituem uma classe à parte ou devem ser incluídas entre as constrictivas ou, ainda, entre as oclusivas?

Mattoso (*Dicionário de lingüística e gramática*, 82) e Sílvia Elia (*Orientações da lingüística moderna*, 200) as colocam à parte (num terceiro grau: após as constrictivas e antes das líquidas). Leonor Scliar Cabral (*Introdução à lingüística*, 66) situa-as nas oclusivas. Bernard Pottier et alii (*Estruturas da língua portuguesa*, 11) tratam-nas como fricativas nasais e oclusivas bucais.

As nasais, como as líquidas, apresentam uma natureza especial, contrastando com qualquer outra consoante, em virtude de terem uma qualidade vocálica adjungida à consonântica. Mattoso frisa: “Há numas e noutras um mínimo de esforço de desimpedimento”. (*Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 76).

Para o português, fazendo-se combinação com o grau de abrimento (de Saussure e Grammont), o quadro ficaria como propõe Sílvia Elia:

oclusivas: /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/
 constrictivas: /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/
 nasais: /m/, /n/, /ɲ/
 líquidas: /l/, /ʎ/, /r̄/, /r/.

2.2.2 O ponto de articulação

No português, a melhor solução é, ainda, colocar as consoantes em três ordens ou categorias: labial, anterior, posterior.

Não há necessidade de destacar uma ordem labiodental, porque os dois fonemas /f, v/, que já se opõem entre si pelo traço da sonoridade, figurariam sozinhos, sem se opor a nenhum outro fonema nessa ordem. É uma diferença redundante, quanto ao sistema. (CABRAL, Leonor Scliar, op. cit., 67).

A autora salienta também que não há necessidade de se destacar uma ordem dental da alveolar, pois, no português, como traço distintivo, essa diferença não é utilizada.

Numa simples comparação dos elementos fônicos, verifica-se haver um excessivo apoio fonético para diferenciação dos fonemas. Há um mínimo de diferenças aproveitadas para economia do sistema, não comprometendo, assim, a simetria.

Às labiais se opõem, na cavidade bucal, as anteriores e posteriores (e estas entre si).

As anteriores se situam nos dentes e nos alvéolos (ressaltando o problema das variantes posicionais ou livres, que não acarretam oposição lingüística). Pottier (op. cit., 11) cita apenas as alveolares. Estas englobam as dentais.

As posteriores vão desde o palato duro até a úvula.

Assim: *labiais*: /p/, /b/, /m/, /f/, /v/
anteriores: /t/, /d/, /n/, /s/, /z/, /l/, /r/
posteriores: /k/, /g/, /ɲ/, /ʃ/, /ʒ/, /ʎ/, /r̄/.

2.2.3 A ressonância

Há três consoantes nasais: /m/, /n/, /ɲ/. Leonor Scliar Cabral afirma que essas consoantes se opõem, apenas, a /b/, /d/, /g/, sendo a nasalidade um traço redundante na diferenciação das outras consoantes. Acredita-se que nas oposições /m/ x /b/ e /n/ x /d/ isto ocorra. No entanto, que dizer da oposição /ɲ/ x /g/? No inglês, como destaca Edward Lopes (FLC, p. 108), as oposições acima se realizam integralmente. No português, afirma o lingüista, ocorre uma lacuna na casa que corresponderia à nasal velar /ŋ/.

2.2.4 A sonoridade

Nesta correlação, vêem-se:

- surdas: /p/, /t/, /k/, /f/, /s/, /ʃ/
- sonoras: /b/, /d/, /g/, /v/, /z/, /ʒ/.

2.3 As consoantes e sua posição

Levantadas as oposições, deixando-se de lado os traços redundantes, cabe salientar que o número de consoantes varia de acordo com a posição.

2.3.1 A posição inicial

É fora de dúvida, a posição, em português, para a formação do quadro de consoantes. Aqui, existem dezoito consoantes.

Émile Genouvrier e Jean Peytard (*Linguística e ensino de português*, 71) mostram um quadro de frequência de emprego de consoantes. O /ɲ/ e o /ʎ/, em posição inicial, aparecem em raríssimos vocábulos. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (no *novo Aurélio*, 1999, pp.1406 e 1407) cita sessenta e quatro vocábulos com /ɲ/ inicial. Note-se, aqui, o aparecimento de uma variante com /i/: nhambu ou inhambu. Brian Head (*A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*) dá como exemplo *nhame*, que Aurélio coloca apenas como /i/. Com /ʎ/, Aurélio (op. cit., p.1208) dá nove entradas: lhama, lhaneza, lhano, lhanos, lhanura, lhe, lheguelé, lho, lhufas. Vejam-se as oposições: *lhama/lama; nhato/nato*.

2.3.2 A posição intervocálica

Além de a precisão ser menor, não se nota sempre uma nitidez articulatória, havendo vários casos de variantes posicionais. Nesta posição, aparecem dezenove consoantes, assinalando-se séries opositivas:

- /p/, /b/: roupa/rouba
- /t/, /d/: pote/pode; mete/mede
- /k/, /g/: reco/rego (verbo)
- /f/, /v/: mofe/move
- /s/, /z/: caça, cassa/casa
- /ʃ/, /ʒ/: acho/ajo; queixo/queijo
- /m/, /n/, /ɲ/: amo/ano/anho
- /l/, /ʎ/: tala/talha; mala/malha
- /r̄/, /r/: carro/caro; erra/era; marra/Mara; sarro/saro.

Na sua tese de doutoramento, em 1949, Mattoso tentou demonstrar que o /r/ brando seria um alofone do /r̄/ forte. Em trabalhos posteriores, modificou seu pensamento, forçado pelas nítidas oposições que ocorrem em português: *carro x caro; corre x core...*

2.3.3 A posição final

Na posição pós-vocálica, o quadro apresenta uma diversidade de opiniões.

Leonor Scliar Cabral (op. cit., 66) coloca as semivogais entre as sonantes. Pottier et alii (op. cit., 11) também enquadram as semivogais entre as consoantes. Entre os dois ocorre uma divergência: Pottier classifica /w/ como labial, e /y/ como palatal; Scliar coloca /y/ entre as consoantes anteriores e /w/ entre as posteriores.

No estudo do sistema de vogais do português do Brasil, verifica-se que as semivogais devem ser tratadas como vogais assilábicas, como apontou Mattoso Camara, resolvendo-se, a nosso ver, a questão.

Para as consoantes pós-vocálicas, respeitando-se as diversas opiniões, acredita-se que a solução apontada por Mattoso ainda seja a melhor. Assim /l/, /R/, /S/, /N/. O /l/ aparece como uma variante posicional do /l/, já que sua articulação é, nessa posição, velarizada. No entanto, ele é, com exceção de regiões do sul do país, emitido como semivogal /w/, fato que não traz oposição significativa em português, desfazendo-se a homonímia no contexto frasal, como em *vil x viu, mal x mau*.

Este quadro, com apenas quatro consoantes, vai possibilitar uma nova descrição dos encontros consonantais (denominados de *disjuntos* pelos gramáticos), como veremos adiante. Na realidade, a ortografia nos faz supor que existam encontros em vocábulos como *digno* (dig-no) e *opto* (op-to). Fonética e fonologicamente, observar-se-á que essa interpretação do fenômeno deve ser reestudada.

3. Os encontros consonantais em português

Principalmente aqui a gramática tradicional tem estado muito presa à tradição da língua escrita.

3.1 A tradição gramatical

En passant, vejam-se as posições de alguns autores, todos, indiscutivelmente, com excelente formação lingüística e responsáveis por uma visão mais científica dos fenômenos da linguagem humana, em muitos casos.

Rocha Lima:

Nos outros, separáveis, cada consoante pertence a uma sílaba: *bs* (absoluto), *dv* (advertir), *pt* (optar), *ct* (icto), *ft* (afta), *tm* (ritmo), etc... (*Gramática normativa da língua portuguesa*, 25). E acrescenta: O *m* e o *n* pós-vocálicos não formam encontros disjuntos com a consoante seguinte, pois não são consoantes e sim meros sinais diacríticos de nasalização (valem tanto quanto o til): *cam-po*, *son-so*.

Gladstone Chaves de Melo: “Chama-se encontro consonantal a contigüidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas (*Gramática fundamental da língua portuguesa*, 48)”.

E inclui entre o grupo do /l/ ou /r/ (prato, claro), palavras como *pneu*, *cnute*, *gnóstico* (consoantes na mesma sílaba). E mais: “Quanto ao grupo cs, é de notar que quase sempre ele é representado por uma única letra. Então, esta única letra está realmente representando duas consoantes. É o que ocorre em fixo (ficsa), reflexo, asfixia”.

No estudo de ortoepia, afirma:

Pois bem; não têm conta as pessoas que dizem abissoluto, abissolutamente, adeogado, Edegar, rítimo, fiquissar, compléquisso, intelequitual etc., em vez das formas ortoépicas com b, com d, com t, ou com k, bastante tênues e puramente consonânticas: absoluto, absolutamente, advogado, Edgar, ritmo, ficsar (fixar), complecso (complexo), intelectual. (op. cit., 56).

Celso Cunha (*Gramática da língua portuguesa*, 60):

Encontros consonantais como gn, mn, pn, ps, pt, tm e outros não aparecem em muitos vocábulos. Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-pto	di-gno	ri-tmo
ap-to	dig-no	rit-mo.

Evanildo Bechara:

Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por l ou r: li-vro; blu-sa; pro-sa; cla-mor; rit-mo; pac-to; af-ta; ad-mi-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra x: anexo, fixo. (*Moderna gramática portuguesa*, 44).

Leodegário A. de Azevedo Filho:

Há encontros consonantais numa sílaba ou em sílabas diferentes. Exemplos: branco, droga, plano, livre, pseudônimo, gnomo, etc., em que os encontros estão na mesma sílaba. Mas em: apto, rpto, lapso, ritmo, etnografia, admoestar, técnico, etc. os encontros estão em sílabas diferentes. (*Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*, 45).

Silvio Elia:

Grupo consonantal: duas consoantes pronunciadas em seguimento dentro da mesma sílaba. O grupo consonantal é sempre pré-vocálico, isto é, deve preceder sempre uma vogal. Dividem-se os grupos consonantais em próprios e impróprios. Grupos consonantais próprios são os que terminam em consoante líquida /l/ ou /r/. exemplos: cl em claro, pr em prêmio, gl em glória, etc..

Não se deve confundir grupo consonantal nem com junção, nem com dígrafo. Junção vem a ser duas consoantes pertencentes a sílabas diversas, mas que se juntam, por contigüidade, na mesma palavra. Exemplos: far-to, pas-ta, gol-pe, ad-vogado, ob-turar. (*Dicionário gramatical*, 80).

3.2 Os poucos encontros consonantais da língua portuguesa

Contrastando com o ponto de vista acima exposto (3.1), discutiremos outras posições, a começar com Mattoso Camara:

Em posição intervocálica, pode parecer, por insinuação do uso da língua escrita, que há a possibilidade de muitas consoantes, como sugerem as grafias ritmo, apto, e assim por diante. Mas é uma ilusão, como veremos ao apreciar a estrutura da sílaba, em particular no português do Brasil. (*Estrutura da língua portuguesa*, 41).

Salienta, ainda, a introdução, pelo vocabulário erudito, de outras consoantes em aparente posição pós-vocálica: pacto, advogado, ritmo, oftálmico. E afirma: “Tudo indica, porém, que a divisão silábica usual, que as considera em fim de sílaba, é fonética e fonemicamente artificial”. (*Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 111/112, 1.^a edição).

A seguir, ele demonstra que há grupos desses em posição inicial (ctônio, ptérico, psicologia), nada diferindo (no efeito acústico, articulatório, ou mesmo na interpretação fonêmica) dos grupos mediais de *pacto* ou *apto*.

É também notória a reação popular a esses encontros (diacronicamente ocorreu uma vocalização do primeiro elemento: *facto* > *feito*), com o desenvolvimento de outra sílaba: /penew/, /adevogadu/, /abisulutu/, fixando o primeiro membro como consoante pré-vocálica, “em virtude de ele valer no grupo pela sua metástase e ser (de acordo com nomenclatura saussuriana) uma explosiva, em vez de implosiva com o predomínio da catástase”. (Mattoso, *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 111/112).

Neste ponto é mister que se estude a constituição da sílaba em português.

A *sílaba típica* é que sai de uma explosão e cai numa implosão. A *sílaba atípica* é formada de uma implosão seguida de outra implosão. A sílaba atípica

é anormal: há implosão, mas não sucede a explosão; desfaz-se sem cair numa explosão, recomeça uma nova implosão, o que seria o caso de *apto* (considerando-se o encontro consonantal).

Pois bem, na língua portuguesa isso é impossível. Não se pode desfazer esse /p/ sem cair numa explosão qualquer, e, logo em seguida, armar os mesmos músculos para formar o /t/, razão pela qual sempre se pronuncia a palavra *apto* com um /i/ (fenômeno de *epêntese*) entre o /p/ e o /t/.

Em verdade, a diferença entre *apto* (/ˈapitU/) e *apito* (/aˈpitU/) está na posição do acento tônico, e não há, portanto, de se descrever aí um encontro consonantal disjunto.

Em outro par opositivo (*rapto* /ˈrãpitU/ x *rápido* /ˈrãpidU/), a distinção se faz unicamente pela correlação de sonoridade. Não se pode negar em *rapto* o apoio silábico do /i/, pois não se teria o mesmo apoio em *rápido*.

Daí a resolução do falante da língua portuguesa em emitir uma vogal para desfazer o encontro consonantal de impossível emissão. É o fenômeno de *suarabácti* ou *anaptixe*. Em alguns vocábulos, outra resolução é a síncope do fonema causador da incompatibilidade fonética e fonológica: *contacto/contato*; *accessório/acessório*.

Não é diferente o tratamento que se deve dar ao que ocorre, *verbi gratia*, em *fixo* e *anexo*. O fenômeno é idêntico. Na realidade, o x representa três fonemas /k's/, e não um encontro consonantal /ks/. O erro gráfico de muitos (fiquiço ou fiquisso, compléquisso, etc.) revela prontamente o aparecimento de uma vogal silábica, modificando-se, assim, o enquadramento desses vocábulos também quanto à acentuação tônica, como se verá adiante.

O ilustre Professor Celso Cunha, em seu trabalho de nível escolar, in *op.cit.*, p. 60, afirma:

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, uma acentuada tendência a destruir esses encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal (i ou e): dí-gui-nu pe-new rí-ti-mo.

Não raro temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas nossos conservem a regularidade. Por exemplo, no segundo destes setissílabos de Gonçalves Dias:

“Deixa-me ouvir teus cantores
Admirar teus verdores”. (PCPE, 376)

A palavra *admirar* deve ser emitida em quatro sílabas (*a-di-mi-rar*) para que o verso mantenha aquela medida.

Outra palavra de fundamental importância é a de Bernard Pottier et alii *op. cit.*, 12):

obs. 2: A constituição mais freqüente da sílaba, principalmente no Brasil, é: CV / CV / CV...

Exemplos: / futebol / VARIGⁱ / ad^evogado / clube / p^enew / pⁱsikoloz[']ia / áp[']tu / díg[']nu /.

Evanildo Bechara salienta:

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar e não advinhar

subentender e não subtender. (op. cit., 44).

Observe-se que muitos escrevem, por exemplo, o vocábulo *etimológico* sem o primeiro /i/. No famoso *Appendix Probi* também se faz uma tentativa de correção: *speculum non speclum; baculus non vaclus*.

Os poucos encontros consonantais disjuntos que existem são os com as consoantes pós-vocálicas /l/, /R/, /N/, /S/: mar-telo, pas-ta, mul-ta, cân-tico.

Interessante é a discussão sobre a existência ou não de uma consoante nasal pós-vocálica: o arquifonema /N/. A respeito do assunto, Dinah Callou e Yonne Leite, em *Iniciação à fonética e à fonologia*, p. 86, comentam:

Para Mattoso Camara, o argumento contra a existência fonológica da consoante nasal nesses casos, baseado no fato de que o falante e/ou ouvinte não percebe o elemento consonântico pós-vocálico, é antes um argumento de ordem psicológica que de ordem estrutural.

A situação dos chamados encontros reais ou próprios cria, em alguns vocábulos, uma oposição distintiva: bloco/broco; atlas/atras; clave/crave; fluir/fruir (gozar); enclave/enclave.

Mattoso, a princípio (*Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 112), se impressionou com um argumento de Robert Hall: “Com a intercalação de uma vogal epentética em *técnica* e *áptero*, verbi gratia, os vocábulos ficariam acentuados na quarta última sílaba, o que contrariaria a pauta prosódica do português”. Posteriormente, esse argumento não lhe pareceu nada convincente, mostrando que há vocábulos acentuados na quarta última sílaba (verbos proparoxítonos com pronome enclítico, como *falávamos-te*), só cabendo admitir que, com esses vocábulos de origem erudita supracitados, ficou alterada a pauta acentual tradicional da língua portuguesa.

Neste ponto, reputamos de máxima importância, em socorro de nossa posição, os fatos descritos por alguns de nossos lingüistas que se ocuparam das tendências da língua falada pelo povo em diferentes regiões brasileiras. Ressaltemos alguns.

Antenor Nascentes (*O linguajar carioca*, 62), ao nomear casos de suarabácti, cita:

É comum nos grupos com *l* e com *r*: *Silvério-Silivério*, *Silvestre-Silivestre*, *Plínio-Pilínio*, *recruta-reculuta*, *inglês-inguelês* (ao lado de *ingrês*), *flor-fulô frô* (ao lado de *felô*), *corvina-coruvina*. Cfr. Cranguejo

(Gil Vicente, II, 218), caranguejo, fevereiro, do latim februariu-fevereiro, formas da língua culta.

Silvio Elia, em *Ensaio de filologia e lingüística*, pp. 80 e 81, observando a fala popular, consigna:

g) São cinco horas da manhã
Obiservo a tradição
 Vou para o trabalho já.

São heptassílabos, redondilhas ao gosto popular. A contagem das sílabas exige, portanto, a leitura **obiservo**. Fato similar já foi assinalado a propósito dos românticos, e o poeta modernista, ousadamente, levou-o até à ortografia.

O fenômeno é panbrasileiro. Em a *Língua do Nordeste*, pág. 83, nota M. Marroquim: “Um fenômeno geral de dialeção popular é o desdobramento dos grupos consonantais pelo acréscimo de uma vogal entre os dois fonemas”. Como se vê, não o restringiu ao Nordeste.

Quanto à natureza dos grupos que se desfazem por anaptixes, convém atender à distinção posta em relevo pelo professor Mattoso Camara Jr.:

Um grupo de consoantes pode apresentar juntura cerrada, em que a primeira engaveta – por assim dizer – a segunda, ou juntura aberta, em que em português aparece o embrião vocálico. Num grupo de oclusiva ou fricativa labial mais líquida verifica-se em regra o primeiro caso; mas temos o segundo com certos compostos de sub. O /r/ apresenta, então, a sua variante forte, em vez da variante branda, que é, por sua vez, o segundo membro de um grupo ideal em juntura cerrada (cf. subloco - bloco, sub-raça, sobraça). (*Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 113).

Gladstone Chaves de Melo, em *A língua do Brasil*, p. 81, ao citar Renato Mendonça, diz:

Atribui ainda Mendonça ao preto certos casos de suarabácti da nossa fala plebéia como Culáudio por Cláudio, Quelemente por Clemente, fulô por flor.

Objetando, lembro que os índios produziram semelhantes anaptixes, como se vê de curuzu ou curuça por cruz e que em Portugal se ouve felor por flor (fato perfeitamente paralelo a fulô)...

É interessante também verificar que essa tendência para desfazer o encontro consonantal pelo anaptixe é explorada em um personagem do humorista Chico Anísio – o Alberto Roberto – em falas como: “Amigos do meu **Barasil**...”/ É **kílaro** (claro)...

Em 31.3.2000, o colunista Marcio Moreira Alves de *O Globo*, num artigo denominado de *A fala do soba*, utiliza, por confusão ortográfica, o verbo *advinha* em lugar de *adivinha*, no seguinte trecho:

Bem andaria o Ministro dos Esportes, Rafael Greca, se incluísse o senador Antônio Carlos Magalhães na equipe brasileira de iatismo que disputará as Olimpíadas de Sidney. Ninguém melhor do que ele *advinha* (grifo nosso) o sentido dos ventos ou é capaz de prever as suas guinadas. Torben Grael, comparando, é mero amador, apesar de todas as suas medalhas olímpicas e mundiais.

Pode-se observar, com clareza, que entre os vocábulos *adivinha* e *advinha* não existe nenhuma diferença fônica; ambos, fonologicamente, são transcritos como /adi'vi^hna/. Ou seja, não existe encontro consonantal em *advinha*, como se comprova da comparação. Essa vacilação ortográfica é freqüente entre os usuários da língua, que utilizam formas como *rítimo*, *sequiço*, *compléquisso* ou *compléquiço*, etc.; no entanto, esses desvios ortográficos confirmam o acerto das originais descrições de Mattoso Camara Jr.

Quanto aos chamados encontros consonantais, com -r ou -l finais de sílaba, o professor Gladstone, em *A língua do Brasil*, 106, nos informa:

Creio que se deve ter por evolução própria da língua no Brasil a semivocalização de -r e -l fechando sílaba:

caine, baiba, Baibino, coigo, etc. Quanto a -l, creio que primeiro se dá a transformação em -r, segundo a cadeia: -l > -r > -y, de tal modo que o acidente se dará apenas com o -r. Esse fato é quase sempre esporádico, atingindo algumas palavras e deixando intactas inúmeras outras. Por exemplo, no Sul de Minas, ouve-se baiba, caine, coida, poita, ao lado de barba, carne, corda, porta; mas acredito que haverá pouquíssimas outras palavras onde se observe semivocalização do -r.

Em recente trabalho (*Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p.65), o professor José Carlos de Azeredo, em uma observação sobre encontros consonantais, diz:

Convém alertar mais uma vez para a importância de não confundir a realidade oral da língua e sua representação escrita. Muitas palavras escrevem-se como se contivessem encontros consonantais (rpto, digno, absoluto, pneu, psicologia, amnésia, ritmo etc.). Na realidade oral, que é a que interessa para a fonética e a fonologia, esses vocábulos apresentam um som vocálico, ordinariamente [i], que “separa” as consoantes (epêntese); o que pronunciamos e ouvimos é rápito, díguino, abissoluto, peneu, pissicologia, aminésia, rítimo. Algumas pessoas se esforçam para evitar essa vogal e realizam uma pronúncia um tanto artificial, conhecida como “pronúncia alfabética”.

Conclusão

No sistema de consoantes do português, vê-se a importância de situar o fonema de acordo com o ambiente fonético. Há três posições: pré, inter e pós-vocálica. Depreende-se, então, que as oclusivas não aparecem em posição pós-vocálica. É mister eliminar os inumeráveis encontros consonantais do tipo *advogado, pneu*, para economia, coerência e rigor científico na descrição gramatical. Nota-se um apelo exagerado à escrita, o que causou uma incompreensão dos aspectos fonológicos do português. A descrição de uma “consoante muda” (sic), em *apto*, verbi gratia, advém de não se fazer uma devida comparação entre os sistemas ortográfico e fonológico.

Por tudo isso, Mattoso adverte:

Como esse trabalho de lingüística descritiva ainda não se realizou nem em Portugal nem no Brasil, em ambos os países se patinha em matéria de gramática normativa e o ensino gramatical na escola é denunciado como uma perturbação, antes do que um auxílio, para um uso lingüístico adequado. (*Problemas de lingüística descritiva*, 10)

Ex positis, aguardamos que seja repensada a matéria, abandonando-se exposições que contrariam a estrutura fonológica da sílaba em português. A incompreensão da estrutura silábica de nossa língua levou a uma descrição inadequada do fato lingüístico exposto neste artigo. Apelamos, novamente, para Mattoso Camara Jr., quando nos informa que os tipos de estrutura silábica marcam caracteristicamente as línguas. A rigor, a sílaba – e não o fonema – é a estrutura fonológica elementar. A sílaba é a primeira estrutura que aparece na incorporação da língua e a que apresenta maior resistência a se desvanecer na perda gradativa do afásico.

Assim, é de se esperar uma nova explanação desses conceitos, a fim de que se possa apreender, com clareza e correção lingüísticas, como funciona o nosso sistema fonológico, em sua plenitude.

Referências bibliográficas

- AMADO, Gildásio (apresentação). *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1959.
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 32.ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 2.ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

- CABRAL**, Leonor Scliar. *Introdução à lingüística*. 3.^a ed., Porto Alegre: Globo, 1976.
- CÂMARA JR.** Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 7.^a ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 2.^a ed., Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2.^a ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Problemas de lingüística descritiva*. 4.^a ed., Petrópolis: Vozes, 1971.
- MELO**, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- _____. *A língua do Brasil*. 4.^a ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- CUNHA**, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.
- ELIA**, Sílvio. *Dicionário gramatical*. 3.^a ed., Porto Alegre: Globo, 1962.
- _____. *Orientações da lingüística moderna*. Rio de Janeiro.
- _____. *Ensaio de filologia e lingüística*. 2.^a ed., Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1975.
- GENOUVRIER**, Emile/**PEYTARD**, Jean. *Lingüística e ensino de português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- HOLANDA FERREIRA**, Aurélio Buarque. *Aurélio século XXI – O dicionário da língua portuguesa*. 3.^a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- LIMA**, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 10.^a ed., Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1964.
- LOPES**, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- NASCENTES**, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- POTTIER**, Bernard/**AUDUBERT**, Albert/**PAIS**, Cidmar Teodoro. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- SAUSSURE**, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 4.^a ed., São Paulo: Cultrix, 1972.
- TROUBETZKOY**, N.S. *Principes de phonologie*. Paris: Éditions Klincksleck, 1970.